

W.E.B. DU BOIS E A CONSTRUÇÃO DAS
IDENTIDADES RACIAIS:
UMA TEORIA PIONEIRA E FUNDAMENTAL PARA
O DEBATE SOBRE A DESIGUALDADE
SOCIORACIAL

W.E.B. DU BOIS AND THE CONSTRUCTION OF
RACIAL IDENTITIES:
A PIONEERING AND FUNDAMENTAL THEORY FOR
ADDRESS SOCIAL AND RACIAL INEQUALITY

LUIS FABIANO PEREIRA¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar elementos da teoria social de W. E. B. Du Bois que contribuíram para a formulação do conceito de identidade racial, a partir de algumas obras da primeira fase de sua produção intelectual – *The Conservation of Races* (1897), *O Negro da Filadélfia* (1899), *As Almas do Povo Negro* (1903) e *Darkwater* (1920) – além de *Dusk of Dawn* (1940), que revisita a mesma temática já em uma fase de maior maturidade. Busca-se demonstrar como o autor pode ser considerado um pioneiro na superação da abordagem naturalista-biológica dos atributos raciais, base do racismo pseudocientífico, suplantada pela explicação do fenômeno racial como uma construção social, apreensível pela utilização de instrumentos próprios da Sociologia contemporânea, ciência que ele mesmo ajudou a fundar. Além dessas obras, são apresentados trabalhos de comentadores, seguidores e críticos, de forma a demonstrar a classicidade de Du Bois através do seu diálogo com a teoria social contemporânea, inclusive como um crítico da modernidade racializada.

Palavras-chave: W. E. B. Du Bois; teoria social clássica; raça; identidade racial.

Abstract: This article aims to analyze elements of W. E. B. Du Bois's social theory that contributed to the formulation of the concept of racial identity, drawing on works from the first period of his intellectual production – *The Conservation of Races* (1897), *The Philadelphia Negro* (1899), *The Souls of Black Folk* (1903), and *Darkwater* (1920) – as well as *Dusk of Dawn* (1940), which revisits the same theme in a more mature period. The article intend to demonstrate how the author can be considered a pioneer in overcoming the

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, Natal-RN) – E-mail: luisfabianop@uol.com.br.

naturalistic-biological approach to racial attributes, the basis of pseudoscientific racism, supplanted by the explanation of the racial phenomenon as a social construct, understandable using specific tools of contemporary sociology, a science he himself helped found. In addition to these works, works by commentators, followers, and critics are presented to demonstrate Du Bois's classicity through his dialogue with contemporary social theory, including as a critic of racialized modernity.

Keywords: W. E. B. Du Bois; classical social theory; race; racial identity.

Introdução

No presente ensaio, nos propomos a abordar elementos da teoria social de W. E. B. Du Bois que em muito contribuíram para a emergência do conceito de “identidade racial”. A partir de algumas obras da primeira fase de sua produção intelectual, busca-se compreender em que medida Du Bois pode ser considerado um pioneiro na superação da abordagem naturalista-biológica dos atributos raciais, base do racismo pseudocientífico, que viria a ser suplantada pela explicação do fenômeno da raça como uma construção social, apreensível pela utilização de instrumentos próprios da Sociologia, ciência que sequer existia com autonomia acadêmica nas primeiras décadas do século XX, cujos limites e fundamentos ainda estavam por ser mais amplamente estabelecidos.

Para pontuar os elementos de construção das identidades raciais em Du Bois, foram escolhidas algumas obras do primeiro período criativo do autor, que se encerraria por volta de 1920. No ensaio *The Conservation of Races*², de 1897, Du Bois apresenta um conceito de raça ainda orientado pela visão naturalista-biológica. A partir da publicação de *O Negro da Filadélfia*³, em 1899, começam a ser reunidos os elementos que serão utilizados para uma primeira consideração da identidade racial afro-americana como fenômeno social, exposto no livro *As Almas do Povo Negro*⁴, de 1903. Em *Darkwater*⁵, de 1920, mais precisamente no ensaio denominado *As Almas do Povo Branco*⁶, Du Bois passa a esboçar sua compreensão acerca da identidade racial do povo branco, como causa e condição do racismo. Esse trajeto

² DU BOIS, W.E.B. **The conservation of races**. The American Negro Academy Occasional Papers nº 2. Washington: American Negro Academy, 1897.

³ DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

⁴ DU BOIS, W.E.B. **As Almas do Povo Negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

⁵ DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. Mineola: Dover Publications, 1999.

⁶ *Ibid.* p. 17-31.

de amadurecimento do tema é retomado no livro *Dusk of Dawn*⁷, de 1940, que aprofunda a análise da subjetividade racializada.

Este, portanto, será o recorte bibliográfico na vasta obra de WEB Du Bois. Cronologicamente, *Dusk of Dawn*⁸ estaria fora dessa primeira fase. Entretanto, como não há aqui o interesse de rígida marcação temporal, e como essa obra foi concebida numa perspectiva autobiográfica (obviamente retrospectiva), acreditamos que se encaixa sem maiores dificuldades no escopo do trabalho. O objetivo do nosso estudo também justifica a não incursão por vários temas que expandiram o pensamento de Du Bois para além da teoria das identidades raciais, como a crítica do capitalismo, do colonialismo europeu, da democracia americana, até sua participação no pan-africanismo, numa trajetória que o insere no universo que Cedric J. Robinson chama de “tradição radical negra”⁹.

Além da bibliografia já mencionada, buscaremos contribuições de comentadores, assim como tentaremos detectar a influência de Du Bois em autores contemporâneos que, como seguidores declarados ou subliminarmente inspirados, mantêm aceso o diálogo com o seu legado, num movimento essencial para a constante reafirmação de sua classicidade.

Du Bois e sua teoria social – entre a Sociologia, a Filosofia e a Política

William Edward Burghardt "W. E. B." Du Bois (1868-1963) foi um brilhante intelectual negro nascido nos Estados Unidos cinco anos após a entrada em vigor da Proclamação da Emancipação, que proibia a escravidão em todos os Estados da Federação, crescendo nos anos pós-Guerra Civil, período conhecido como da Reconstrução. Desde o início da sua trajetória, despertou para a necessidade de construção de uma teoria social que não fosse apenas abstrata e autorreferenciada, mas que levasse em consideração o modo de ser, de pensar e de agir das pessoas comuns, objeto e destinatários desse conhecimento. Tornou-se assim um cientista social, historiador, escritor, organizador e ativista. Na apresentação de Itzigsohn, um sociólogo público, sociólogo-ativista¹⁰.

⁷ DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007.

⁸ *Ibid.*

⁹ ROBINSON, C. J. **Marxismo Negro**: a criação da tradição radical negra. São Paulo: Perspectiva, 2023.

¹⁰ ITZIGSOHN, J. **W. E. B. Du Bois (1868-1963), com José Itzigsohn (Brown University, EUA)**. 1 vídeo (125 min. 24 s.). Publicado pelo canal Fernanda H. C. Alcântara. YouTube, 2023. Curso 200 anos de Sociologia - Módulo III, Parte 02, W. E. B. Du Bois (1868-1963). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUOXRAwIkKI>. Acesso em: 03 mai. 2024.

O início de sua produção intelectual está marcado por uma experiência nitidamente sociológica, que resultou na publicação da obra *O Negro da Filadélfia*¹¹. Entretanto, não devemos nos esquecer de que se trata de um homem do século XIX, originário de um período histórico no qual não se havia ainda sedimentado a autonomia das Ciências Sociais. Além disso, a sua trajetória, ao longo de quase um século de vida, vai nos mostrar que ele não tinha qualquer interesse na departamentalização acadêmica do conhecimento, abraçando com o mesmo entusiasmo as contribuições da filosofia e da história, além de um marcante ativismo político. No livro *O Negro da Filadélfia*¹², de 1899, apresenta o resultado de uma robusta investigação nos moldes da sociologia contemporânea, inovadora para aquela época, que já incluía pesquisas históricas, levantamentos estatísticos, entrevistas, observações etnográficas e métodos quantitativos, por meio dos quais registrou e analisou as condições de vida de milhares de famílias negras da cidade de Filadélfia¹³. A esse trabalho relativamente solitário, somaram-se diversas outras pesquisas com comunidades específicas, rurais e urbanas, de maior e menor escala, tendo Du Bois formado pesquisadores e publicado amplamente a partir de sua posição na Universidade de Atlanta que, segundo ele, era a única instituição no mundo realizando um estudo sistemático do Negro”¹⁴ naquela época. Desse modo, Du Bois contribuiu decisivamente para a fundação da Sociologia, sendo inclusive responsável pela primeira escola do pensamento sociológico dos Estados Unidos, a Escola de Atlanta, de constituição anterior à renomada Escola de Chicago.

O conjunto da sua obra, entretanto, melhor se caracteriza como o que se pode chamar de “teoria social”, um conhecimento “de fronteira”¹⁵, em cuja abordagem se reúnem elementos e recursos de vários ramos das ciências humanas e da filosofia. Nessa linha de argumentação, Carlos Freitas¹⁶ destaca como principal característica do clássico, a partir do conceito de Jeffrey Alexander¹⁷, o reconhecimento da existência de um excedente de

¹¹ DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

¹² *Ibid.*

¹³ MOURA, C. P.; BERNARDINO-COSTA, J. Apresentação. In: DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 18.

¹⁴ DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 33.

¹⁵ FREITAS, C. **W. E. B. Du Bois (1868-1963), com Carlos Freitas (UFRN)**. 1 vídeo (147 min. 57 s.). Publicado pelo canal Fernanda H. C. Alcântara. YouTube, 2023. Curso 200 anos de Sociologia - Módulo III, Parte 02, W. E. B. Du Bois (1868-1963). Disponível em: https://www.youtube.com/live/W06Z_2AcYQ. Acesso em 03 mai. 2024.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ ALEXANDER, J. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

significado imanente ao texto, que nunca é totalmente apropriado pela tradição, mas que num momento posterior pode vir a ser explorado por uma outra geração de estudiosos. Esse excedente de significado pode ser captado em toda a produção de Du Bois, a começar pela reflexão sobre as questões de raça, apontando para a necessidade de emergência de uma identidade racial do negro e, como se verá adiante, pela identidade racial contraposta, a identidade do povo branco.

Itzigsohn agrupa as contribuições de Du Bois em quatro eixos: a) análise da subjetividade racializada; b) análise do caráter racial e colonial do capitalismo; c) desenvolvimento da Sociologia empírica comunitária urbana e rural; e d) inovação em metodologia da investigação¹⁸. Nosso trabalho, contudo, ficará adstrito ao que se pode chamar de um “primeiro Du Bois”, cujo núcleo de produção teórica estava muito bem caracterizado como uma sociologia da subjetividade racializada de negros e de brancos, a partir da qual tentaremos compreender sua trajetória na construção das identidades raciais, assim como a retomada e a crítica contemporâneas acerca da utilidade dessas identidades como instrumentos de mobilização social e política.

“O problema negro”, o conceito de raça e a emergência das identidades raciais

Em 1897 foi publicado o ensaio *The conservation of races*¹⁹, no qual Du Bois inaugura, antes dos seus 30 anos de idade, uma discussão pública acerca da temática racial. Nesse escrito, três aspectos merecem destaque para discussão no nosso estudo. Em primeiro lugar, percebe-se que o autor, apesar de reconhecer como definidores da raça vários elementos culturais – língua, história, leis, religião, hábitos e “esforço consciente em conjunto para certos ideais da vida” – ainda está preso ao preconceito naturalista-biológico, tomando como certos e indiscutíveis alguns elementos como parentesco, família, “desigualdade física”, sangue e “identidade racial”²⁰. Sobre este último atributo, é importante esclarecer que o seu sentido não se confunde com o que empregamos neste texto, que será explorado mais adiante.

¹⁸ ITZIGSOHN, J. W. E. B. **Du Bois (1868-1963), com José Itzigsohn (Brown University, EUA)**. 1 vídeo (125 min. 24 s.). Publicado pelo canal Fernanda H. C. Alcântara. YouTube, 2023. Curso 200 anos de Sociologia - Módulo III, Parte 02, W. E. B. Du Bois (1868-1963). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUOXRAwIkkl>. Acesso em: 03 mai. 2024.

¹⁹ DU BOIS, W.E.B. **The conservation of races**. The American Negro Academy Occasional Papers n° 2. Washington: American Negro Academy, 1897.

²⁰ *Ibid.* p. 9-10.

Diferentemente do conceito atualmente predominante nas Ciências Sociais, Du Bois parece ter utilizado a expressão “identidade racial” inicialmente para denotar o conjunto de características físicas distintivas de uma raça. Além disso, o autor se recusa a questionar a existência das raças humanas, admitindo os “limites rígidos da lei natural, e que qualquer esforço, não importa quão intenso e sério, é infrutífero quando vai contra a configuração do mundo”²¹.

O segundo aspecto a ser destacado é que, já nesse primeiro momento, Du Bois captou o sentimento de dualidade do povo negro, a dúvida entre perceber-se como negro ou como americano. Seria possível ser as duas coisas ao mesmo tempo? Ou seria necessário abdicar de uma delas? Essa dualidade, já presente nesse primeiro ensaio, será retomada nas obras seguintes e se tornará um componente fundamental na teoria da subjetividade racializada.

Em terceiro lugar, cabe registrar que, mesmo acreditando no caráter natural-biológico da raça, sem sequer cogitar a fragilidade do argumento, Du Bois não admite nenhuma forma de inexorabilidade para o futuro do povo negro. Pelo contrário, acredita que a raça negra e outras “grandes raças”, ainda darão “à civilização a completa mensagem espiritual de que são capazes”²². De fato, esse será o seu projeto nos anos seguintes: construir uma identidade racial positiva do povo negro, reconhecendo sua potência e mobilizando uma agência transformadora.

Prosseguindo em sua investigação acerca da questão racial nos Estados Unidos, Du Bois publicou o livro *O Negro da Filadélfia*²³, de 1899, que pode ser considerado como de extrema importância para a fundação da Sociologia nos Estados Unidos. A obra é resultado de uma pesquisa encomendada pela Universidade da Pensilvânia, e reúne informações fundamentais acerca da condição da população negra naquele espaço e momento históricos, indispensável para o acompanhamento da evolução dessa temática ao longo dos últimos 120 anos²⁴. No contrato de pesquisa foi proposta a reunião de elementos que permitissem uma melhor compreensão acerca do “problema negro”²⁵. Dito de outra forma, interessava à academia saber por que os negros de Filadélfia representavam um problema para o convívio

²¹ *Ibid.* p. 17.

²² DU BOIS, W.E.B. **The conservation of races**. The American Negro Academy Occasional Papers nº 2. Washington: American Negro Academy, 1897. p. 11.

²³ DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

²⁴ PASCHEL, T. S. Prefácio. In: DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 7-15.

²⁵ *Ibid.* p. 9.

social. A ideia em si já deveria ser bastante inquietante para um estudioso negro, na medida em que partia do pressuposto racista de que ele mesmo era parte do seu objeto; seria o “pesquisador-problema” ainda que pessoalmente não vivenciasse exatamente a mesma história e a mesma experiência das comunidades que viriam a ser estudadas.

Uma reflexão mais aprofundada da questão do negro na sociedade americana, entretanto, viria à tona no livro *As Almas do Povo Negro*²⁶, de 1903. Nele — ao contrário do que ocorre em *O Negro da Filadélfia*²⁷ — o autor faz um deslocamento da perspectiva externa (de pesquisador) em relação ao objeto de estudo (comunidades negras pesquisadas), para assumir sua posição no interior da raça, como “carne da mesma carne e ossos dos mesmos ossos”²⁸, e de lá dizer ao mundo o que é ser negro naquele contexto. A clássica coletânea de ensaios foi produzida em estilo de “prosa lírica”²⁹, que dirige o leitor a um profundo envolvimento emocional, sem deixar de ser totalmente lastreado em dados empíricos e análise filosófica. Nela Du Bois recupera a provocação do “problema negro” para ampliar a discussão acerca da raça como problema da sociedade americana, uma questão que afeta negros e brancos, não indistintamente, mas que, no final das contas, assim se constitui para todos.

Nessa obra central da sua primeira fase, o autor lança mão de uma alegoria para descrever a incompreensão recíproca e a separação entre as raças que povoam os Estados Unidos, uma metáfora carregada de múltiplas significações. Para ele, o mundo dos brancos e dos negros é separado por “um enorme véu”³⁰. O resultado da separação desses mundos (lados do véu) em relação aos sentimentos do negro — dos quais o autor tem referências autobiográficas — é de uma extrema angústia, como descreve:

[...] o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e dotado de clarividência neste mundo americano — um mundo que não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo. É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade — é um norte-americano e um negro; duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa em um corpo escuro, que dispõe

²⁶ DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, 2021.

²⁷ DU BOIS, W.E.B. *O Negro da Filadélfia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

²⁸ DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, 2021, p. 14.

²⁹ PASCHEL, T. S. Prefácio. In: DU BOIS, W.E.B. *O Negro da Filadélfia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 13.

³⁰ DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, 2021. p. 18.

apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio. A história do negro norte-americano é a história desse conflito — desse desejo de tomar consciência de si mesmo como homem, de fundir esse duplo eu em um único indivíduo, melhor e mais verdadeiro. Com essa fusão, ele espera que nenhuma de suas antigas partes se perca. Ele não africanizaria a América, pois os Estados Unidos da América têm muito o que ensinar ao mundo e à África. Ele não clarearia sua alma negra em uma torrente de americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Ele simplesmente deseja tornar possível para um homem ser ao mesmo tempo negro e norte-americano, sem ser insultado ou escarrado por seus compatriotas, sem ter as portas da oportunidade batidas de forma brusca em sua cara³¹.

Nessa passagem podemos identificar o que Jose Itzigsohn e Karida L. Brown consideram como os três elementos estruturantes da subjetividade individual e da própria sociedade de sujeitos racializados em uma modernidade racializada: o véu, a dualidade e a segunda visão³².

A alegoria do “véu” explicita o elemento mais fundamental na formação da consciência dual do negro, caracterizado pela percepção da existência de uma “linha de cor”, um marco divisório e diferenciador de pessoas que se entendem reciprocamente como desiguais, brancos e negros. O véu funciona como uma projeção vertical dessa linha, que não demarca apenas espaços, mas que turva a visão a partir de ambos os lados. Disso Du Bois tem conhecimento não apenas a partir de estudos teóricos ou de formulações abstratas, mas sobretudo pelas evidências empíricas colhidas a partir de referências autobiográficas e dos estudos de comunidade desenvolvidos nos anos anteriores à publicação de *O Negro da Filadélfia*³³ e de *As Almas do Povo Negro*³⁴. É importante perceber como a palavra “véu” nos remete a significados muito diversos dos que estão presentes em outras expressões utilizadas para figuração de barreiras e de obstáculos, como “muro”, “fosso” ou “abismo”. Não se trata de uma separação sustentada pela força ou resistente à força, como uma muralha, mas de um obstáculo ideológico cuja funcionalidade decorre da turvação da visão, no sentido de impedir que as pessoas que vivem de um lado estejam aptas a conhecer plenamente o mundo das que

³¹ *Ibid.* p. 19-20.

³² ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. L. **The sociology of W. E. B. Du Bois**: racialized modernity and the global color line. New York: NYU Press, 2020. p. 28.

³³ DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

³⁴ DU BOIS, W.E.B. **As Almas do Povo Negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

habitam o lado oposto, o que também as impede de compreender plenamente a sua própria condição.

Apesar de reconhecer a existência desses dois mundos divididos pela linha de cor, Du Bois se inclina inicialmente a descrever o mundo das pessoas negras, partindo dos elementos da conformação social objetivamente captados, mas transitando continuamente para os efeitos dessa realidade na percepção que o negro tem de si mesmo. O resultado da apreensão subjetiva de um mundo objetivamente dividido pela linha da cor, mesmo através da nebulosidade do véu, é que o negro adquire um sentimento de dualidade, advindo daí a formação de uma subjetividade marcada pela contradição de ser duas coisas ao mesmo tempo – americano e africano – ou talvez de não ser completamente nem um nem outro. Esse conceito de dupla consciência ou consciência dual torna-se um dos aspectos fundamentais para a teoria duboisiana da subjetividade negra.

A linha de cor existe objetivamente para negros e brancos, turvando o entendimento de ambas as raças e fazendo surgir o sentimento negativo da angústia da alma dividida na pessoa de cor. Esse sentimento, entretanto, não agrega nenhuma contribuição de valor para a sociedade racializada, uma vez que não está associado a nenhuma ação. Contudo, nesse ponto, Du Bois inicia um traçado de positividade para a formação da subjetividade do negro, pela descrição de um terceiro componente na teoria, denominado de “segunda visão”. Trata-se, segundo o autor, de uma capacidade especial do negro para percepção do mundo a partir de um ângulo que os brancos não estariam aptos a alcançar. Esse diferencial, um verdadeiro “presente”, seria o primeiro aspecto positivo na constituição da subjetividade do indivíduo negro e, mais adiante, na construção de uma identidade racial negra.

Nasar Meer também identifica na formulação da “consciência dual”, a partir da leitura de *As Almas do Povo Negro*, um conceito de grande força normativa, que captura a dualidade entre, de um lado, uma subjetividade de minorias ainda não reconhecida, com seu potencial transformador, e, de outro, a inadmissão de um estatuto cívico pleno a essas mesmas minorias. Em sua análise, da mediação entre agência e estrutura, entre indivíduo e sociedade e entre subjetividades de maioria e de minoria, nascem algumas questões que por vezes são fundidas,

confundidas ou reduzidas entre si, tanto no âmbito da subjetividade individual (*self*), quanto relacionadas às contradições da organização social³⁵.

No âmbito pessoal (individual), a dupla consciência se formaria no afro-americano pela internalização do desprezo que a América branca lhe dispensa, mas que, por outro lado, faz surgir uma visão em perspectiva diferenciada, uma “clarividência” decorrente da própria experiência de segregação, que tornaria o negro apto a uma contribuição diferenciada para a sociedade americana. No plano coletivo, a consciência dual se apresenta de duas formas. Primeiro, pela incongruência da negação de direitos civis ao negro e, ao mesmo tempo, de se exigir dele o pagamento dos mesmos impostos e o cumprimento de todas as obrigações de cidadão. Em segundo lugar, pela persistência de ideais divergentes entre os grupos raciais, não reconciliados, assim como pela rejeição dos esforços de integração empreendidos pelos afro-americanos, jamais reconhecidos pela sociedade branca; uma dualidade expressa pela duradoura hifenização no termo “afro-americano”. Ou seja, pela impossibilidade de reconhecimento como plenamente americano, e apenas isso³⁶.

Sua decomposição analítica, entretanto, não remete a uma opinião destoante da compreensão geral do conceito duboisiano. Enquanto Itzigsohn e Brown³⁷ apresentam uma análise a partir dos elementos de formação do próprio conceito (véu, dualidade e segunda visão), Meer prefere o seu desdobramento a partir da qualidade dos sujeitos envolvidos (indivíduos e coletividade)³⁸.

A partir da descrição da subjetividade das pessoas racializadas, Du Bois avança na busca de elementos para explicitação e construção de uma identidade racial para o negro. Nesse ponto é possível encontrar uma postura mais “ativista” do autor, uma vez que já não se contém em descrever e explicar a realidade, mas passa a traçar linhas propositivas de ação, numa verdadeira estratégia de atuação política, tanto para formação da identidade do povo negro quanto para sua efetiva integração na sociedade americana.

³⁵ MEER, N. W. E. B. Du Bois, double consciousness and the ‘spirit’ of recognition. *The Sociological Review*, v. 67, n. 1, p. 47–62, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038026118765370>. Acesso em 04 mai. 2024. p. 51-52.

³⁶ *Ibid.* p. 52.

³⁷ ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. L. *The sociology of W. E. B. Du Bois: racialized modernity and the global color line*. New York: NYU Press, 2020. p. 28.

³⁸ MEER, N. W. E. B. Du Bois, double consciousness and the ‘spirit’ of recognition. *The Sociological Review*, v. 67, n. 1, p. 47–62, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038026118765370>. Acesso em 04 mai. 2024. p. 58.

Desde *O Negro da Filadélfia*, tornou-se patente a tentativa de evidenciar aspectos virtuosos no modo de vida da população negra, destacando-se já ali a pujança da igreja negra no Norte dos Estados Unidos³⁹. Entretanto, mesmo com uma demonstração de organização sofisticada, do elevado número de fiéis e da multiplicidade de atividades que caracterizavam as igrejas negras como verdadeiros centros de vida comunitária, não havia no Norte uma característica específica que conferisse à instituição um atributo cultural diferenciador das igrejas dos brancos.

Em *As Almas do Povo Negro*, Du Bois já tinha captado uma realidade diversa nas igrejas do Sul rural, o que lhe permitiu o estabelecimento de características específicas de um cristianismo negro, inclusive pontuando aspectos que já estavam sendo incorporados à religião dos brancos pobres. Essa marca distintiva é objeto de análise no ensaio *Sobre a fé dos ancestrais*⁴⁰, no qual estabelece alguns elementos específicos dessa religião negra, como a figura do “pregador”, que encarna uma liderança tanto religiosa quanto política. Du Bois também faz uma descrição detalhada do que chamou de “frenesi”, um fenômeno de transe induzido pelo fervor religioso dos que se acreditavam como arrebatados pelo Espírito, sem correspondente na religião dos brancos. A música religiosa negra também recebe destaque e valorização, como elemento de resgate da memória e dos sentimentos africanos. Mais adiante, no ensaio *Sobre as canções de lamento*⁴¹, o autor amplia essa valorização da música negra do ambiente religioso para a vida social como um todo, chegando a afirmar que ela seria “não só a única música norte-americana, mas também a mais bela expressão da experiência humana a surgir deste lado do oceano”⁴².

O objetivo de *As Almas do Povo Negro* parece claro: uma contribuição para formação da identidade do negro, a partir da aglutinação de características culturais positivas (valores), que vão sendo paulatinamente reunidas e reforçadas, a fim de estabelecer uma fonte de significado, capaz de garantir reconhecimento mútuo entre os que se entendem como iguais, além de uma possível proteção em relação aos que não compartilham da mesma identidade.

Embora nessa obra Du Bois tenha se empenhado na análise da subjetividade negra e na necessidade de construção de uma identidade racial do negro, posteriormente percebeu

³⁹ DU BOIS, W.E.B. *O Negro da Filadélfia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 280, 283-285.

⁴⁰ DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, 2021. p. 262-278.

⁴¹ *Ibid.* p. 339-353.

⁴² *Ibid.* p. 340.

que, como significado diferencial, a afirmação da identidade do grupo dominado requer conhecimento também acerca da identidade racial do branco, o que o levou a uma análise descritiva de uma subjetividade branca. Esse esforço, entretanto, foi empreendido com elementos de análises mais amplas, caracterizando um movimento do autor que vai da Sociologia da raça, passando pela economia política, até o internacionalismo panafricanista.

*Darkwater*⁴³, de 1920, publicado em plena maturidade de Du Bois, demonstra essa diversidade de preocupações temáticas. De acordo com David Levering Lewis, o autor tinha a pretensão de que a obra funcionasse como um apogeu de sua produção intelectual, uma “quase-biografia”, pois acreditava que, aos cinquenta anos, a maior parte da sua vida já havia passado⁴⁴. Dentre os ensaios selecionados para a formação dessa obra panorâmica, cabe destacar *The Souls of White Folks*⁴⁵, no qual o tema da subjetividade racializada é tratado como fundamental para compreensão tanto da organização social desigual e elitista dos Estados Unidos, quanto do empreendimento colonialista europeu nos diversos continentes. No texto, publicado originalmente em 1910 e revisado para a composição de *Darkwater*⁴⁶, alguns elementos da subjetividade negra são mobilizados para análise da subjetividade branca.

Para entender o que significa ser branco, Du Bois recupera o atributo da “clarividência” da alma negra, do “sétimo filho”, nascido sob o véu, para declarar solenemente que pode ver as almas brancas “despidas, por trás e de lado”, até o “funcionamento de suas entranhas”⁴⁷. Mas como poderia o autor conhecer essa alma do povo branco, dizer o que é branquitude, se não é “carne da mesma carne e ossos dos mesmos ossos”?⁴⁸. Aqui o método de investigação em relação à identidade caminha em um sentido diferente. Enquanto a identidade negra foi construída com base em registros autobiográficos, na pesquisa empírica e na experiência coletiva compartilhada, o conhecimento acerca da subjetividade branca está fortemente lastreado na história recente dos Estados Unidos e da expansão colonial europeia. Se para conhecer a alma negra foi necessária uma imersão ao interior da raça, em relação à alma branca o movimento é inverso. É do “alto da torre”,

⁴³ DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. Mineola: Dover Publications, 1999.

⁴⁴ LEWIS, D.L., Introduction. in DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. New York: Washington Square Press, 2004. Edição Kindle. posição 55-62.

⁴⁵ DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. Mineola: Dover Publications, 1999. p. 17-31.

⁴⁶ *Ibid.*

⁴⁷ *Ibid.* p. 17.

⁴⁸ DU BOIS, W.E.B. **As Almas do Povo Negro**. São Paulo: Veneta, 2021, p. 14.

“acima do oceano das almas humanas”, que Du Bois formula seu julgamento⁴⁹. A clarividência é exercida como análise da história, não apenas como experiência da vida cotidiana. E o que a história torna evidente não se limita à existência do véu, mas ao movimento que o criou e que o mantém, a quem teceu essa peça e que fios foram usados para torná-la tão eficiente.

Du Bois passa então à compreensão de como se constituiu a alma branca, em que consiste sua branquitude (*whiteness*). Para ele, o fenômeno é muito recente, marcando os séculos XIX e XX, e se caracteriza basicamente pela assunção de um pressuposto de superioridade dos brancos em relação a todas as outras raças, que se expressa por um conjunto de crenças, sentimentos e ações. O autor aponta a disseminação de uma ideologia supremacista, presente desde a educação formal de crianças até o esvaziamento de sentido do cristianismo branco, mencionado como um “fracasso miserável”. A crença fundamental, segundo ele, é a de que “a branquitude é a posse da terra para todo o sempre, amém!”⁵⁰. Ou seja, a primazia da acumulação de riqueza material está na base da construção de uma identidade racial do povo branco. No nível emocional, não apenas o ódio, o desprezo ou o medo em relação a outras raças seriam componentes do supremacismo, mas até mesmo sentimentos aparentemente positivos, como a comiseração dos filantropos. As ações da branquitude são todas direcionadas à manutenção da desigualdade, pois até mesmo as pessoas brancas que promovem a caridade direcionada a outras raças, ironizada no texto como “barris de roupas velhas”, jamais apoiariam qualquer iniciativa promocional da igualdade. Enfim, Du Bois entende que todos os esforços da branquitude se direcionam à manutenção e ao aprofundamento da desigualdade social e racial⁵¹.

Em 1940, quando Du Bois já contava com setenta e dois anos de idade, foi publicado o livro *Dusk of Dawn*⁵². Com o subtítulo “um ensaio acerca de uma autobiografia do conceito de raça”, o autor realiza a mesma retomada da trajetória do seu pensamento social que pretendeu vinte anos antes, com *Darkwater*⁵³, acrescentando o que evoluiu nesse intervalo de duas décadas, de forma que não se pode cogitar *Dusk of Dawn*⁵⁴ como pertencente ao

⁴⁹ DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. Mineola: Dover Publications, 1999. p. 17.

⁵⁰ *Ibid.* p. 17-18.

⁵¹ *Ibid.* p. 18-19.

⁵² DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007.

⁵³ DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. Mineola: Dover Publications, 1999.

⁵⁴ DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007.

“primeiro Du Bois”. Contudo, dado o seu caráter retrospectivo e reflexivo, analisaremos como o tema das identidades raciais é retomado e expandido.

Quase quarenta anos após a publicação de *As Almas do Povo Negro*⁵⁵, diferentemente do sentimento despertado no leitor pelos primeiros escritos, em *Dusk of Dawn*⁵⁶ (que aprofunda *Darkwater*⁵⁷) não se percebe mais a ideia de que a conduta dos brancos, guiada pela visão turvada pelo véu, estaria condicionada exclusivamente pela falta de conhecimento sobre o povo negro, com a consequente falta de reconhecimento do seu potencial de contribuição para aperfeiçoamento da sociedade ocidental. No auge de sua maturidade, o autor havia há muito abandonado o tom ingênuo de seu desejo inicial de assimilação dos negros na sociedade americana a partir de uma simples tomada de consciência pelo povo branco, que só faria sentido se a segregação não decorresse de uma construção intencional e vinculada a contextos sociopolíticos muito mais amplos. Ele admite que só após suas experiências na Europa e em Harvard começou finalmente “a ver o problema racial na América, o problema dos povos da África e Ásia, e o desenvolvimento político da Europa como um só”⁵⁸ e reconhece, com uma boa metáfora, que, no período que aqui mencionamos como “primeiro Du Bois”, “era como se estivesse viajando em um expresso em alta velocidade; meu principal pensamento era a relação que eu tinha com os outros passageiros do expresso, e não a velocidade e o destino”⁵⁹.

Até mesmo a alegoria do véu perdeu sua força, dando lugar a um novo esquema figurativo. A imagem consiste na situação de pessoas de raça negra presas em uma caverna, que se fecha por uma cortina de vidro transparente. Apesar de a barreira permitir a completa visualização dos que estão dentro da caverna, pedindo socorro, o clamor não desperta qualquer interesse nos que passam, seja porque não os compreendem, seja porque, mesmo entendendo a situação, estão mais preocupados com as suas próprias existências⁶⁰.

Na obra de 1940⁶¹, Du Bois reafirma e detalha as estruturas da sociedade racializada de *As Almas do Povo Branco*, que havia sido sintetizada na afirmação de que “esse mundo branco muitas vezes existia principalmente, no que me dizia respeito, para garantir, com uma

⁵⁵ DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, 2021.

⁵⁶ DU BOIS, W.E.B. *Dusk of Dawn*. New York: Oxford University Press, 2007.

⁵⁷ DU BOIS, W.E.B. *Darkwater: voices from within the veil*. Mineola: Dover Publications, 1999.

⁵⁸ DU BOIS, W.E.B. *Dusk of Dawn*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 23.

⁵⁹ *Ibid.* p. 14.

⁶⁰ *Ibid.* p. 66.

⁶¹ *Ibid.*

vigilância insone, que eu fosse mantido dentro dos limites”⁶². Ele relembra que os brancos detêm o poder de definir o mundo social e, dessa forma, garantir os seus próprios privilégios em todos os aspectos: material, social e simbólico⁶³. Definitivamente o autor sepulta qualquer resquício de “identidade racial” baseada em critérios naturais ou biológicos, declarando que “a raça se tornou uma questão de cultura e de história cultural”⁶⁴. Nesse momento reflexivo, o autor formula a célebre e contundente frase, afirmando que “o homem negro é uma pessoa que deve viajar no vagão ‘Jim Crow’ na Geórgia”⁶⁵.

Na base desse mundo racializado são identificáveis os elementos constitutivos da subjetividade branca. O primeiro elemento seria a percepção que os brancos têm acerca das outras raças, ainda alicerçada no racismo pseudocientífico e em preconceitos que os fazem se entender como superiores⁶⁶. Ou seja, para os brancos, o mundo seria formado de várias camadas sociais e raciais superpostas, “interpostas por lama”, sendo a sua naturalmente superior às outras raças⁶⁷. Esse pressuposto torna impossível admitir os estudos acerca da miscigenação, sendo este um fenômeno que poderia abalar as estruturas do mundo moderno, fundado no “reconhecimento e preservação das chamadas distinções raciais”⁶⁸. Outro elemento característico da subjetividade branca seria a convivência com a grande contradição entre os seus próprios ideais de justiça e a realidade de um mundo profundamente injusto, incompatível com a lógica e a racionalidade⁶⁹. Embora Du Bois entenda que as ações do poder dos brancos estejam normalmente direcionadas à conquista de riqueza e de poder, em *Dusk of Dawn* admite vários outros aspectos de fundamental importância na construção das identidades raciais, como “uma questão de reflexos condicionados; de hábitos, costumes e lendas há muito seguidos; de elementos subconscientes do pensamento e reflexos nervosos inconscientes”⁷⁰.

⁶² DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. Mineola: Dover Publications, 1999. p. 69.

⁶³ ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. L. **The sociology of W. E. B. Du Bois: racialized modernity and the global color line**. New York: NYU Press, 2020. p. 46.

⁶⁴ DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 49.

⁶⁵ *Ibid.* p. 77.

⁶⁶ ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. L. **The sociology of W. E. B. Du Bois: racialized modernity and the global color line**. New York: NYU Press, 2020. p. 46.

⁶⁷ DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 77.

⁶⁸ *Ibid.* p. 52.

⁶⁹ ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. L. **The sociology of W. E. B. Du Bois: racialized modernity and the global color line**. New York: NYU Press, 2020. p. 47.

⁷⁰ DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 86.

Nessa altura da teoria social duboisiana, o tema das identidades raciais parece ter chegado à sua plena maturidade e a atenção do autor migrou para outros núcleos de interesse, que fogem ao escopo do presente trabalho. A teoria das identidades raciais, entretanto, nunca deixou de ser um grande legado para as Ciências Sociais. Em 1953 Du Bois redigiu um prefácio para a edição do aniversário de cinquenta anos de *As Almas do Povo Negro*, no qual reconhece a evolução de seu entendimento quanto às subjetividades e às identidades raciais ao longo do tempo, admitindo inclusive a imaturidade das suas hipóteses iniciais, mas nunca as renegando⁷¹. Sua contribuição evoluiu ao longo de quase um século de vida e de uma vasta produção intelectual, com tal perspicácia e audácia que lhe permitem dialogar com a teoria presente, como um pensador clássico que é.

Identidades raciais em Du Bois – uma teoria clássica em diálogo com a contemporaneidade

W. E. B. Du Bois era um homem do século XIX, que viveu uma vida longa o suficiente para acompanhar os avanços e percalços das primeiras seis décadas do século XX, aprofundar, discutir e amadurecer sua teoria social acerca das identidades raciais. Entretanto, não se pode esquecer que, desde a primeira edição de *As Almas do Povo Negro*⁷², já se passaram mais de 120 anos. A classicidade do autor é inegável, e ela consiste justamente na possibilidade de diálogo com o pensamento presente. A título de exemplificação, passaremos então a pontuar alguns possíveis debates, a partir de autores tanto convergentes quanto dissidentes nessa área temática.

Apesar de termos aqui utilizado a expressão “identidade racial”, vale reiterar que Du Bois não utilizava essa expressão no sentido moderno, à exceção apenas em uma passagem de *Dusk of Dawn*⁷³. Ele próprio atribui à mesma obra subtítulo que menciona um “conceito de raça” e não de identidade⁷⁴. Contudo, de acordo com a classificação de Kwame Appiah⁷⁵, as teorias atuais da identidade, que se agrupam em torno dos elementos nominal (rótulos

⁷¹ DU BOIS, W.E.B. *As Almas do Povo Negro*. São Paulo: Veneta, 2021. p. 369-371.

⁷² *Ibid.*

⁷³ DU BOIS, W.E.B. *Dusk of Dawn*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 66.

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ APPIAH, K. A. *Lines of Descent: W. E. B. Du Bois and the emergence of identity*. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press, 2014. p. 147-157.

sociais), normativo, subjetivo e constitutivo da individualidade, constituem-se em um “campo conceitual reunindo pontos que Du Bois foi um dos primeiros a esclarecer sobre uma identidade social: a do negro”. Ou seja, apesar de ainda ter formulado uma teoria da raça, nada há de incompatível no seu conceito em relação ao que atualmente se admite como identidade racial. Du Bois suplantou não só as discussões pseudocientíficas acerca da superioridade da raça branca, mas alcançou uma compreensão de que o próprio conceito de raça é construído exclusivamente a partir do processo social.

Manuel Castells conceitua “identidade” como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural”⁷⁶, que se adequa perfeitamente ao que Du Bois buscava e conseguiu formular: uma contribuição para a formação da identidade do negro, que pode ser classificada como a que Castells denomina de “identidade de resistência”, construída pelos “desvalorizados”, como “trincheiras de resistência e de sobrevivência”⁷⁷. O resultado do enfrentamento dessa desvalorização só poderia se concretizar a partir da aglutinação de características culturais positivas (valores), que vão sendo paulatinamente reunidas e reforçadas, a fim de estabelecer uma fonte de significado, com o objetivo de garantir reconhecimento mútuo entre os que se entendem como iguais, além de uma possível proteção em relação aos que não compartilham da mesma identidade. Embora inicialmente Du Bois tenha se empenhado na análise da subjetividade negra e na necessidade de construção de uma identidade racial do negro, também percebeu que, como significado diferencial, a afirmação da identidade do grupo dominado requer conhecimento também acerca da identidade racial do branco, o que o levou a uma análise descritiva de uma subjetividade branca. Avançou ainda mais na investigação e na exposição da subjetividade racializada como fenômeno intencionalmente forjado na expansão do colonialismo capitalista europeu, a partir de elementos sociológicos, históricos, políticos e econômicos. Nesse sentido, já fazia sua perspicaz crítica da modernidade desde as primeiras décadas do século XX.

Indo além, Du Bois rejeitou qualquer determinismo histórico na formação dessas identidades, o que deixava em aberto a possibilidade de mudança social. Ou seja, ele acreditava que tanto o povo negro quanto o povo branco carregam potenciais de redefinição de suas identidades, que podem ser canalizados para a construção de um mundo diferente.

⁷⁶ CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 70-71.

⁷⁷ *Ibid.* p. 73.

Nesse ponto, cabe recuperar a afirmação de Meer quanto à “mediação entre agência e estrutura”⁷⁸ presente desde *As Almas do Povo Negro*. Itzigsohn e Brown também enfatizam esse componente da teoria duboisiana, que consiste no confronto entre o arcabouço normativo da sociedade racializada [*Law*] e a possibilidade de os grupos realizarem escolhas indeterminadas [*Assumption of Chance*]. Apesar de o *Law* representar as estruturas cristalizadas a partir de escolhas do passado, não se deve admitir que ele seja imutável. Aliás, as estruturas estão sempre sujeitas ao efeito das novas escolhas, a uma permanente agência guiada pelas subjetividades, tanto para a mudança quanto para a sua manutenção⁷⁹.

Du Bois acreditava na possibilidade de criação da oportunidade de integração dos negros na sociedade americana, além de valorizar sobremaneira o potencial transformador da educação, a que uma parte da população negra já tinha acesso no final do século XIX. Ele demonstrou sua esperança de que essa parcela do povo negro, a quem denominou “décimo talentoso”, pudesse ser o motor de transformação em uma América segregada. De fato, ao longo do século passado muito do pensamento duboisiano foi fonte de inspiração, sobretudo para os movimentos sociais de luta contra o racismo nos Estados Unidos, que culminaram com o reconhecimento dos direitos civis plenos da população negra e a partir de “um movimento político poderoso e multifacetado, cujos sonhos e potenciais foram personificados em Martin Luther King Jr. nos anos 1960”⁸⁰.

Nas últimas décadas do século XX, entretanto, a força mobilizadora das identidades raciais passou a ser questionada. Manuel Castells, por exemplo, ao tratar desse tema, indica estudos sociológicos que apontam para uma progressiva perda de sentido da identidade racial nos Estados Unidos, em decorrência tanto da grande disparidade de condições de vida entre os negros de classe média e os negros mais pobres, quanto da construção de outras fontes de sentido para identidades diversas, dentre as quais a autodefinição de cunho religioso e de gênero⁸¹. Contudo, é interessante perceber como desde 1940 Du Bois já antevia a possibilidade de que o seu “décimo talentoso”, a partir da ascensão de riqueza, se

⁷⁸ MEER, N. W. E. B. Du Bois, double consciousness and the ‘spirit’ of recognition. *The Sociological Review*, v. 67, n. 1, p. 47–62, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038026118765370>. Acesso em 04 mai. 2024. p. 51-52.

⁷⁹ ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. L. *The sociology of W. E. B. Du Bois: racialized modernity and the global color line*. New York: NYU Press, 2020. p. 50-52.

⁸⁰ CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 154.

⁸¹ *Ibid.* p. 158.

embrenhasse por um distanciamento da maioria da raça, e não se efetivasse a desejada liderança redentora⁸².

Mas esse arrefecimento de sentido constatado por Castells⁸³ não era unanimidade. Também nos anos 1990, outras vertentes do pensamento social empreenderam um confronto entre os conceitos da teoria de Du Bois acerca da identidade racial e o contexto social da época. Tratava-se de aferir se a consciência dual, quase cem anos depois, ainda se sustentava como uma descrição plausível de um dos elementos de subjetividade negra.

Paul Gilroy, em sua obra *Atlântico Negro*⁸⁴, de 1993, traduzida no Brasil em 2001, dentre várias outras discussões, faz uma recuperação do que em Du Bois era nominado como raça, sustentando a atualidade da ideia de identidade racial, com elementos próprios da segunda metade do século XX. Pensando em uma época em que não havia mais necessidade de enfrentamento do racismo científico e dos fundamentos biológicos da raça, o autor sustenta a existência de uma identidade racial negra, construída a partir da experiência histórica da diáspora e da escravidão, mas também das tradições africanas anteriores ao contato com a modernidade europeia. Nesse ponto fundamental da teoria, não há qualquer divergência com Du Bois. Ao contrário, Gilroy reaviva a característica de “dupla consciência” (que consta no subtítulo) como elemento dessa identidade, ampliando sua análise apenas em termos espaciais, para incluir, além dos negros dos Estados Unidos, os da Europa, da África e das Américas, de onde advém a expressão “Atlântico negro”⁸⁵. Para ele, essa identidade se sobrepõe aos sentimentos de nacionalidade e estaria lastreada em uma cultura negra, no que também converge com Du Bois, especialmente quando reafirma a importância da religiosidade e da música negras, ao que acrescenta a literatura (notadamente o romance) e a dramaturgia negras, como elementos de sua construção e de sua afirmação.

O livro *No Vestígio*, de Christina Sharpe, recentemente publicado no Brasil, é um excelente exemplo dessa contribuição literária na afirmação da identidade racial⁸⁶. Embora descarte a expressão “identidade racial”, a sua *blackness*, traduzida como “negritude”, incorpora elementos presentes em Du Bois, como a experiência da diáspora e da escravidão, integrada por componentes mais atuais, como a pobreza e o racismo não institucionalizado,

⁸² DU BOIS, W.E.B. *Dusk of Dawn*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 66.

⁸³ CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 154.

⁸⁴ GILROY, P. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34, 2012.

⁸⁵ GILROY, P. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34, 2012.

⁸⁶ SHARPE, C. *No vestígio: negritude e existência*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

com todas as suas formas de expressão, desde a falta de acesso a condições materiais de vida digna, à violência policial e ao tratamento desigual por parte do aparelho estatal. Sharpe não cita Du Bois, nem compartilha da sua esperança e da sua ilusão messiânica, e por isso mesmo pode ser mencionada como integrante de um movimento denominado de “afropessimismo”⁸⁷. Mas não há como negar a presença da técnica, da estética e do conteúdo de *As Almas do Povo Negro* no trabalho de Sharpe, pois ainda que o véu seja desnecessariamente eufemístico — e efetivamente descartado — a objetividade da linha de cor e a subjetividade da dupla consciência moldam a ontologia da negritude, pouco importando que se utilizem ou não dos conceitos de raça ou de identidade racial.

Na obra *In the Shadow of Du Bois*, Gooding-Williams investigou a influência duboisiana no “pensamento político afro-moderno”. A questão da identidade não é seu tema central, mas o autor analisa abordagens que tentam estabelecer a identidade como elemento determinante da agenda política, como a teoria de Paul Gilroy. Gooding-Williams não refuta a possibilidade de uma identidade racial negra, mas sustenta que Gilroy nunca chegou a demonstrar que os elementos socioculturais originados da diáspora negra tenham concretizado a expressão ou a preservação de uma identidade racial, ou mesmo que essa identidade esteja em vias de concretização⁸⁸. Em certa medida, Gooding-Williams se alinha à crítica de Castells, que sustenta que qualquer tentativa de cultivo ou promoção de uma identidade racial negra, que tente se sobrepor às diferenciações de gênero, classe social e geração etária, estará fadada ao fracasso. Isso não quer dizer que a identidade não seja importante, mas apenas que precisa ser compatibilizada com outros elementos de agregação, em vista da necessária construção de uma agenda política, sobretudo para enfrentamento do racismo e da discriminação⁸⁹.

Enfim, se é possível afirmar, como faz Appiah⁹⁰, que em parte a noção de raça formulada por Du Bois era irrealista, isto se deve mais à grande expectativa de que esses elementos da identidade racial fossem suficientes para uma ação transformadora da complexa estrutura social de segregação do que propriamente a alguma inconsistência da teoria. Ainda

⁸⁷ LIMA, A. L. M. A metafísica do “vestígio”. **Argumentos - Revista de Filosofia**, Fortaleza, ano 16, n. 32, jul./dez. 2024. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/93548>. Acesso em: 25 jul. 2024.

⁸⁸ GOODING-WILLIAMS, R. **In the shadow of Du Bois**: afro-modern political thought in America. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press, 2009. Edição Kindle. posição 2951.

⁸⁹ CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 160.

⁹⁰ APPIAH, K. A. **Lines of Descent**: W. E. B. Du Bois and the emergence of identity. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press, 2014. p. 147-157. p. 161.

que no contexto contemporâneo a noção de raça possa parecer um conceito insuficiente para, isoladamente, gerar significado e mobilização, não há dúvidas de que, enquanto houver sociedades marcadas pelo racismo e pela discriminação, os atributos de raça e de cor sempre serão elementos importantes na construção das identidades sociais.

De tal modo, percebe-se que a teoria social de Du Bois acerca do tema das identidades raciais permanece atual e inquietante, e ainda é suficientemente pujante para dialogar com o pensamento contemporâneo, sempre nos mostrando que, apesar de vivermos em um mundo social e historicamente construído, nenhum futuro nos é absolutamente imposto, pois sempre haverá um amanhã que depende das nossas escolhas atuais.

Referências

ALEXANDER, J. A importância dos clássicos. *In*: GIDDENS, A.; TURNER, J. **Teoria social hoje**. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

APPIAH, K. A. **Lines of Descent: W. E. B. Du Bois and the emergence of identity**. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press, 2014.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DU BOIS, W.E.B. **As Almas do Povo Negro**. Tradução Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.

DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. Mineola: Dover Publications, 1999.

DU BOIS, W.E.B. **Dusk of Dawn**. New York: Oxford University Press, 2007.

DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia: um estudo social**. Tradução Cristina Patriota de Moura. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

DU BOIS, W.E.B. **The conservation of races**. The American Negro Academy Occasional Papers nº 2. Washington: American Negro Academy, 1897.

FREITAS, C. **W. E. B. Du Bois (1868-1963), com Carlos Freitas (UFRN)**. 1 vídeo (147 min. 57 s.). Publicado pelo canal Fernanda H. C. Alcântara. YouTube, 2023. Curso 200 anos de Sociologia - Módulo III, Parte 02, W. E. B. Du Bois (1868-1963). Disponível em: https://www.youtube.com/live/W06Z_2AcYQ. Acesso em 03 mai. 2024.

GILROY, P. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2012.

GOODING-WILLIAMS, R. **In the shadow of Du Bois: afro-modern political thought in America**. Cambridge, MA e Londres: Harvard University Press, 2009.

ITZIGSOHN, J. **W. E. B. Du Bois (1868-1963), com José Itzigsohn (Brown University, EUA)**. 1 vídeo (125 min. 24 s.). Publicado pelo canal Fernanda H. C. Alcântara. YouTube, 2023. Curso 200 anos de Sociologia - Módulo III, Parte 02, W. E. B. Du Bois (1868-1963). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUOXRAwIkkI>. Acesso em: 03 mai. 2024.

ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. L. **The sociology of W. E. B. Du Bois: racialized modernity and the global color line**. New York: NYU Press, 2020.

LEWIS, D. L., Introduction. in DU BOIS, W.E.B. **Darkwater: voices from within the veil**. New York: Washington Square Press, 2004.

LIMA, A. L. M. A metafísica do “vestígio”. **Argumentos - Revista de Filosofia**, Fortaleza, ano 16, n. 32, jul./dez. 2024. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/93548>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MEER, N. W. E. B. Du Bois, double consciousness and the ‘spirit’ of recognition. **The Sociological Review**, v. 67, n. 1, p. 47–62, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0038026118765370>. Acesso em 04 mai. 2024.

MOURA, C. P.; BERNARDINO-COSTA, J. Apresentação. In: DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia: um estudo social**. Tradução Cristina Patriota de Moura. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

PASCHEL, T. S. Prefácio. In: DU BOIS, W.E.B. **O Negro da Filadélfia: um estudo social**. Tradução Cristina Patriota de Moura. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROBINSON, C. J. **Marxismo Negro: a criação da tradição radical negra**. Tradução Fernanda Silva e Sousa, Caio Neto dos Santos, Margarida Goldszajn e Daniela Gomes. São Paulo: Perspectiva, 2023.

SHARPE, C. **No vestígio: negritude e existência**. Tradução Jess Oliveira. São Paulo: Ubu Editora, 2023.